

## E SERÁ QUE VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE? : (Re)existências coloridas em contos de fadxs brasileiros contemporâneos <sup>1</sup>

Renato Gonçalves Peruzzo

*Doutorando (e Mestre) do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz. Bolsista CAPES. Fundador do Coletivo Colors.*

*Professor de Línguas Inglesa e Portuguesa da Universidade Federal do Sul da Bahia.*

*naticos15@gmail.com*

*<https://sociedademonocromatica.com/>*

*Simpósio Temático nº 20 – Estudos Contracanônicos em Literaturas e Cultura*

### RESUMO

Ao longo de sua história, os contos de fadas têm feito parte da cultura ocidentalizada. Sendo assim, por meio de personagens arquetípicos e da polarização total de comportamentos, têm servido como guias normativos condutas sociais aceitáveis e que se tornaram padrões morais. Essas narrativas padronizam os corpos a uma “sociedade monocromática” (termo que venho cunhando em pesquisa de doutoramento), por meio de expectativas heteronormatizantes, inclusive de pessoas **lésbicas**, **gays**, **bissexuais**, **travestis**, **transsexuais**, **transgêneros**, **queer**, **intersexo**, **assexuais**, **polissexuais**, **pansexuais** e **outras** (organizadas politicamente sob a sigla **LGBTQIAP+**). Os contos de fadas tradicionais, já existentes, por muito tempo, atende(ra)m e reforça(ra)m a cis-heterossexualidade como possibilidade única (e esperada) de experiência humana, inclusive pela imposição de finais felizes marcados pela modalidade única do casamento cis-heterossexual. Esse desfecho pretende garantir a felicidade máxima dos protagonistas, conformando essas pessoas a um final sem desenvolvimento. Nesse viés, por meio dos estudos queer, pretendo analisar a construção dos finais das narrativas da coletânea “*Era uma vez... contos gays da carochinha*” (EL-JAICK, 2001a), da coletânea “*Over the rainbow: um livro de contos de fadxs*” (BRESSANIM et al., 2016) e do e-book “*Transderella*” (LINO, 2019, 2020), que compõem o *corpus* da pesquisa. Essas obras são (auto)representações literárias que parodiam e reescrevem os contos tradicionais sob uma perspectiva da diversidade. Essas produções tendem a dismantlar o arranjo padrão heteronormativo com a produção mesmo de obras de contos de fadxs pela representação de alteridades desviantes e alternativas, com comportamentos, gêneros e sexualidades diferentes daqueles esperados (e impostos) socialmente.

**Palavras-chave:** Dissidências sexuais e de gênero. Contos de fadas. Finais felizes. Teoria Queer.

## Era uma vez...

Os irmãos Grimm, Wilhelm e Jacob, são conhecidos pela tarefa de criação e colaboração na permanência de textos culturais orais por meio da escrita. Muitos deles são contos de fadas, como é o caso de Cinderela. Suas histórias, no entanto, têm finais que nem sempre são realmente conhecidos por todos, uma vez que alguns, como o da versão mais tradicional de Cinderela, são sangrentos e violentos. Mesmo assim, nesses casos, uma característica predominante é o senso de justiça emplacado pelo embate bem/mal.

No texto mais sangrento de Cinderela, as irmãs cortam partes de seus pés – os dedos e o calcanhar, respectivamente – na tentativa de conseguirem encaixar os pés nos sapatos de cristal. Ao final, têm seus olhos arrancados pelos pássaros que ajudavam a protagonista Cinderela.

Abaixo, transcrevo uma versão de sua autoria, mas que não apresenta esse mesmo final. Na edição, as irmãs tentam enganar o príncipe, mas ele percebe, em algum momento, que são farsantes. Ao encontrar a verdadeira dona do sapato, reconhece-a e toma-lhe para si, como esposa.

[...] E o sapato lhe serviu como se tivesse sido feito para ela. E quando *o príncipe* se aproximou e olhou em seu rosto, *disse*:

– *Esta é a noiva certa.*

Mas a madrasta e as irmãs ficaram apavoradas e empalideceram de raiva quando ele colocou Cinderela em seu cavalo e com ela partiu. [...]

Príncipe! Príncipe! *Leve sua pretendida!*

*Pois ao seu lado está sua esposa merecida!* [...].

(GRIMM; GRIMM, 2019, p. 170, grifos meus).

As versões mais conhecidas de vários dos contos de fadas, no entanto, são as de Charles Perrault, já que coletou e organizou um livro chamado “Contos da Mãe Gansa” em 1697, incluindo recursos morais ao final das narrativas. O fator moralista é bastante utilizado a partir de então. Suas versões, principalmente, também foram tomadas como base para as produções cinematográficas dos contos animados pela Disney, que é uma grande responsável pela difusão e formação de um imaginário a partir desses produtos audiovisuais.

Na Cinderela de Perrault, vemos uma protagonista que assume completamente o polo primeiro dos ditames morais: bela (em oposição à feia) e boa (em oposição à má). Como parte de sua bondade, está o dom do perdão: mesmo tendo sido humilhada de inúmeras maneiras e por longo período, a princesa encontra em seu caráter ainda a capacidade de perdoar suas irmãs.

A seguir, destaco o final da versão comentada:

Jogaram-se aos seus pés para lhe pedir perdão [...]. *Cinderela perdoou tudo e, abraçando-as, pediu que continuassem a lhe querer bem.*

Levaram Cinderela até o príncipe, suntuosamente vestida como estava. Ela lhe pareceu mais bela que nunca e *poucos dias depois estavam casados*. Cinderela, que era tão boa quanto bela, *instalou as duas irmãs no palácio e as casou no mesmo dia com dois grandes senhores da corte.*

(PERRAULT, 2004, p. 48, grifos meus).

Formado desde a infância, nosso imaginário de representações sociais, culturais e literárias, pelos contos de fadas e pelas produções da Disney, e que tem nos acompanhado até então, já adultos, é recheado de inúmeros personagens e casais cis-heterossexuais. Os personagens dessas narrativas encontram a felicidade na máxima “*viveram felizes para sempre*” a partir da formação de uma família em uma relação cis-heterossexual.

No segundo excerto, encontramos um destaque para o casamento cis-heterossexual como funcionalidade social: além de casar-se com o príncipe alguns após o acontecimento do sapato perdido durante a festa, Cinderela casou suas irmãs imediatamente com dois membros da corte. Além do perdão garantido às irmãs, a protagonista providenciou dois casamentos cis-heterossexuais com homens afortunados, como percebemos com o destaque para o adjetivo “grandes” associado ao termo “senhores da corte”. Essas marcações permitem a adição de outro polo assumido na narrativa: o da riqueza, da propriedade, da participação na vida social da corte.

Os contos de fadas seguem estruturas diretas, bastante simples, assim como os problemas enfrentados inicialmente pelas crianças – seu público imediato –, como o medo do abandono familiar e a descoberta de seu corpo e de um corpo distinto do seu. Bruno Bettelheim, ao analisar os contos de fadas e defendê-los na formação infantil, diz que:

*Este processo de crescimento [promovido pelos contos de fadas] começa com a resistência contra os pais e o medo de crescer, e termina quando o jovem encontrou verdadeiramente a si mesmo, conseguiu independência psicológica e maturidade moral, e não mais encara o outro sexo como ameaçador ou demoníaco, mas é capaz de relacionar-se positivamente com ele.* (BETTELHEIM, 1980, p. 20, grifos meus).

Assim, a mensagem geral dos contos de fadas é de que as lutas são comuns na vida, mas que, permanecendo firme ao lado dos valores apre(e)ndidos, obterá o êxito ao final. O fator pedagógico e moralista desses textos se constitui nas polaridades extremas, com a inserção de binaridades diversas, como bem/mal, bonito/feio, dificuldade/solução, alegria/tristeza, acolhimento/abandono etc. De um lado, temos uma polaridade positiva, que deve ser seguida, e, do outro, a polaridade negativa, que deve ser combatida em uma trajetória vivenciada pelos heróis das narrativas.

Nos contos de fadas tradicionais, podemos destacar o casamento como fator primordial. Aqui, especificamente, falamos do casamento cis-heterossexual, protagonizado comumente pelo príncipe que conquista a princesa em algum tipo de jornada de herói – pode ser o enfrentamento de uma bruxa, de um dragão, de outro ser mágico, mesmo de fatores da natureza ou da morte. Esse casamento tem duas possibilidades de interpretação.

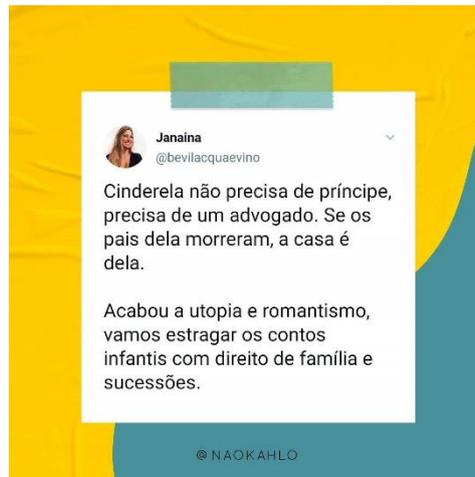
Vejamos:

Outro exemplo desses contos que podem ter permanecido similares, quanto aos conteúdos que despertam e os que os fundaram, pode ser o daqueles relativos aos enlaces amorosos: em muitos deles, *antes do final feliz temos um casamento que vai ser a condição dessa felicidade. Fundar uma família, do lado do homem, e mudar de família, do lado da mulher (num arranjo tradicional), são questões que atravessaram todos esses séculos e seguem sendo desafios.* (CORSO; CORSO, 2006, k. 227).<sup>2</sup>

Como vimos, para o homem, seria o sucesso máximo esperado para o gênero masculino: ser vitorioso no desafio enfrentado, conquistar a princesa que o esperava, formar uma família e encontrar a felicidade por meio do casamento e, por conseguinte, na perpetuação da humanidade. Para a mulher, por outro lado, o casamento se apresenta como uma saída única para os dilemas que enfrenta: a subjugação da família, como é o caso de Cinderela com sua madrasta e irmãs postiças, ou o desvencilhamento de situações financeiras ou em sacrifício por seu pai, como é o caso de Bela (de A Bela e a Fera), entre outras possibilidades.

Digo que se trata de uma saída *única* pois, como percebemos nesses textos – e em tantos outros contos de fadas que podemos rememorar –, as princesas vivem situações diversas e enfrentam inúmeros desafios que são solucionados com o casamento, aliás, com a aparição de um personagem masculino que assume o papel de herói da trama e, com isso, o casamento entre os protagonistas. Apesar, no entanto, de sabermos que algumas situações poderiam ser solucionadas de outras formas que não necessariamente o casamento. A nível de exemplo, trago o *meme* (reproduzido a seguir), gerado a partir de uma publicação do Twitter, que circula nas redes sociais sobre a situação de Cinderela. Com o falecimento de seu pai, Cinderela seria herdeira dos bens. Entre eles, a casa onde reside ela, sua madrasta e as irmãs.

Figura 1 - Meme sobre Cinderela



Fonte: Página “Não me Kahlo” no Facebook (2020). Disponível em: <https://facebook.com/>. Acesso em: 15 dez. 2021.

Nenhuma das narrativas, como vimos, permite outros questionamentos, tais como: as irmãs de Cinderela realmente a apoiaram após o casamento ou seguiram tramando desavenças? Cinderela tratou diferente os funcionários do reino? Ela se acostumou com a nova vida de princesa? Como casal, ficaram juntos a todo tempo ou acabaram por se separar? Tiveram filhos?

### Outras fadas, outras práticas

Venho nomeando a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, travestis, queer, intersexo, assexuais, pansexuais, polisssexuais e outras sexualidades e gêneros desviantes da cis-heterossexualidade como “(re)existências coloridas” (PERUZZO, 2019) como um jogo entre as cores da bandeira LGBTQ+ e os fonemas dos verbos “existir” e “resistir”, já que existir como LGBTQ+ é uma resistência cotidiana na sociedade monocromática.

Por sua vez, a *sociedade monocromática* – noção que venho desenvolvendo desde o Mestrado (PERUZZO, 2019) – está sustentada em uma espiral de concepções institucionalizadas e reproduzidas, que formam um imaginário construído, social e discursivamente, apoiado em/por um sistema cis-heterossexual (BUTLER, 2015, 2017; CURIEL, 2013; MARCHIA; SOMMER, 2019; RICH, 1980, 2012; WARNER, 1991). Monocromática é, portanto, uma metáfora de oposição às dissidências sexuais e de gênero, que divergem da heteronorma.

O *corpus* da pesquisa que desenvolvo, em nível de Doutorado, é composto por 3 obras literárias, totalizando 10 contos de fadas brasileiros contemporâneos que foram produzidos como reescritas paródicas de contos de fadas tradicionais.

A primeira obra, *Era uma vez... contos gays da carochinha* (EL-JAICK, 2001a), é composta por oito textos, mas apenas quatro são efetivamente reescrituras paródicas (HUTCHEON, 1989) de contos de fadas tradicionais. São eles:

- 1) “14 de janeiro”, uma brevíssima releitura erótica da história da princesa e do sapo;
- 2) “Era uma vez”, uma reescritura paródica do conto “Cinderela” (PERRAULT, 2004, 2010), protagonizada por um casal gay;
- 3) “Inocência Nevasca e Sete Ayrões”, releitura de “Branca de Neve e os Sete Anões” (GRIMM; GRIMM, 2004a, 2010a), diferentemente, não possui sete personagens, mas um personagem chamado Sete Ayrões;
- 4) “Os três lombinhos” é uma brevíssima releitura erótica do conto “Os três porquinhos” (JACOBS, 2004).

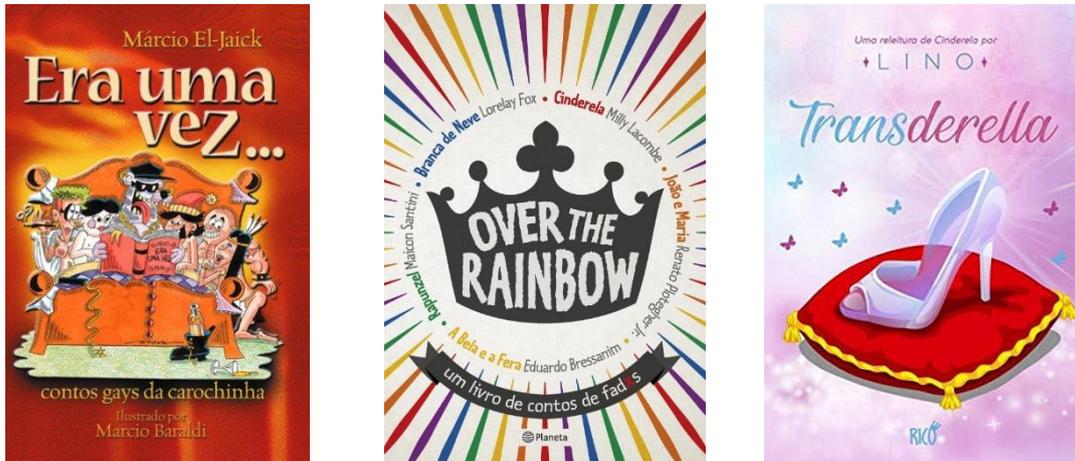
*Over the rainbow: um livro de contos de fadas* (BRESSANIM et al., 2016) é uma coletânea composta por cinco textos:

- 1) o conto de fadas “Cinderela” (PERRAULT, 2004, 2010) foi reelaborado pela escritora, roteirista e jornalista Milly Lacombe, com o nome “Mais do que manteiga com mel”;
- 2) o tradicional “João e Maria” (GRIMM; GRIMM, 2004b, 2010b), reelaborado pelo professor, apresentador e *youtuber* Renato Plotegher Junior, como “O amargo da intolerância”;
- 3) “A Bela e a Fera” (BEAUMONT, 2004, 2010), como “Atormentado”, pelo fotógrafo e, à época, *youtuber* Eduardo Bressanim;
- 4) “O loirinho do Joá” é uma releitura de “Rapunzel” (GRIMM; GRIMM, 2004c, 2010c) feita pelo ator e *youtuber* Maicon Santini;
- 5) por último, o conto “Branca de Neve”, da *drag queen* e *youtuber* Lorelay Fox, recebeu o nome “A ressurreição de Júlia”.

Por fim, o e-book *Transderella*, escrito pela artista, *drag queen* e escritora (LINO, 2019, 2020), faz uma releitura paródica do conto tradicional “Cinderela” (PERRAULT, 2004, 2010).

Para que as obras tenham maior visibilidade, reproduzo, a seguir, suas capas.

Figura 2 - Capas das obras que compõem o *corpus* da pesquisa



Fonte: Amazon. Disponível em: [www.amazon.com.br](http://www.amazon.com.br). Acesso em: 22 set. 2020.

Para alcançar o objetivo de analisar a construção dos finais das narrativas do *corpus* da pesquisa, seleciono os contos: “Era uma vez”, da coletânea *Era uma vez... contos gays da carochinha* (EL-JAICK, 2001a), “Mais do que manteiga com mel”, da obra *Over the rainbow: um livro de contos de fadas* (BRESSANIM et al., 2016) e o e-book *Transderella* (LINO, 2019, 2020).

### E viveram felizes para sempre?

No conto “Era uma vez”, por conta da morte de seu pai, Daniel passa a ter a sua “nova” família presente em sua vida: a madrasta Mercedes e os irmãos Augusto e Aurélio. A madrasta pediu que Daniel a ajudasse no salão. Parte de sua rotina era sair da escola e ir direto para o salão, enquanto seus “irmãos” ficavam apenas jogando bola após os estudos. Tinha o hábito de comprar revistas com meninas bem vestidas e admirava suas roupas.

Com o aniversário de Jovelina, um evento de alta sociedade, seus irmãos iriam para o evento acompanhados de sua madrasta. Um senhor sexagenário, com mala de couro da grife italiana Dolce & Gabbana, foi a pessoa que ajudou Daniel a estar presente na festa de sua paixãoite, Orlando. Quando tocou o horário marcado para sua saída, Daniel correu pela escada da festa e acabou perdendo um dos sapatos no degrau.

Orlando buscou o pretendente em sua casa, mas não o encontrou. Os irmãos de Daniel brigaram dizendo que eles seriam a pessoa que Orlando buscava. A madrasta inclusive tentou

persuadí-lo que um de seus filhos seria o dono do sapato. No entanto, Orlando sabia que aquilo era um engano.

A seguir, destaco a citação do momento de encontro entre Daniel e Orlando no salão de beleza:

[...] [Daniel] Deixou a cliente como estava e correu ao encontro de Orlando, que se pôs à porta segurando o sapato. Os dois deixaram o salão de beleza, entraram no Santana preto e partiram aos beijos. *Dizem que tiveram brigas eventuais por conta do diabo do ciúme que um tinha do outro, mas ninguém há de negar: foram felizes para sempre.*

(EL-JAICK, 2001b, p. 21, grifos meus).

“Mais do que manteiga com mel” é protagonizado por Catarina, uma jovem que vive com a madrasta e suas duas filhas, Graziela e Helena. A jovem Catarina mantém secretamente uma paixão por Helena. A protagonista mora no pior quarto da casa, mofado e úmido. Tem em Rita, empregada doméstica da família, sua única companhia, a pessoa que cuidou dela durante toda sua vida.

A madrasta de Catarina, além de reclamar de seu jeito de ser, interesses e vestimentas, baseando-se no binarismo de gênero masculino/feminino (BEAUVOIR, 2016a, 2016b; BUTLER, 2015, 2017), em que ao primeiro cabe o interesse por jogos mais físicos, como o futebol, ainda categorizava o comportamento da jovem como inadequado, claramente optando por mais outro binarismo: certo/errado.

Quando a madrasta chama Bernardo, um jovem rico, para conhecer sua filha Helena, ele acaba gostando mais de Catarina e faz um convite para que esteja presente em festa que seria sediada em sua casa. Para a ocasião, Rita pede ajuda a Perdição, uma travesti, para arrumar Catarina.

A seguir, destaco o final do conto reescrito parodicamente por Milly Lacombe:

Na escada *Catarina sorriu e, virando-se para trás, beijou a boca de Helena sem se importar com a madrasta*, que olhava pálida e com a boca aberta. [...] Catarina finalmente entendeu que durante anos aquele foi o grande medo da madrasta, que talvez tenha percebido que havia [...] uma vibração diferente. [...]

Ela estava na porta quando escutou Helena chamando seu nome. [...]

– *Mais do que manteiga com mel – disse Helena sorrindo.*

(LACOMBE, 2016, p. 48, grifos meus).

Dividido em 24 capítulos, a narrativa de *Transderella* (LINO, 2019, 2020) aborda a transfobia vivida por pessoas trans na sociedade. A cena que marca uma situação transfóbica é, também, a cena na qual a protagonista Cindy conhece o príncipe do reino. A personagem sofre preconceito e é

maltratada por todos ao seu redor – sociedade e família –, exceto pelo príncipe, que a acolhe, seus amigos, a fada *drag* e um ratinho.

Ao finalmente poder se casar com o príncipe, a cerimônia era permeada pela divisão de pensamentos entre o público: alguns apoiavam o casamento entre um homem cis e uma mulher trans; outros, no entanto, não reconheciam esse matrimônio. No entanto, como vemos a seguir, a narrativa esclarece que o amor, sentimento que independe de convenções sociais, transpõe essa dificuldade.

No início da cerimônia, as pessoas do reino estavam divididas: *uma parte ainda não se conformava com a ideia do príncipe se casar com uma mulher trans. Mas a grande maioria repensou suas ideias quando viram a felicidade que o casal estava transmitindo no casamento. [...].*  
(LINO, 2020, p. 99, grifos meus).

Após o casamento, Cindy faz um discurso no qual esclarece situações presenciadas pela comunidade em outros momentos, como sua vestimenta, que foi considerada inapropriada, uma vez que, para a sociedade monocromática, uma pessoa nascida e declarada como do sexo masculino não poderia se reconhecer com outro gênero e vestir-se com roupas consideradas apropriadas para o gênero feminino.

– [...] Muito prazer, meu nome é Cindy. As saias eram só uma forma de colocar pra fora tudo o que estava aqui dentro. Sempre fui uma menina, desde que me conheço por gente [...]. Sempre me senti sozinha, mas fui encontrando uma força dentro de mim que eu não sabia que tinha. *Aprendi a ser forte sozinha! [...] Eu tenho o direito de ser feliz! Todos nós temos! Tudo o que eu quero é que, nesse reino, vocês possam ser quem realmente são. [...].*  
(LINO, 2020, p. 101, grifos meus).

O discurso final da narrativa é uma promessa de que todas as pessoas, independentemente de como se identifiquem e sejam, têm o direito a amar e ser feliz. Todas, todos, todxs e todes têm o direito a um final feliz:

E assim, nossa princesa descobriu o quanto o amor transforma as pessoas. *Ela encontrou alguém que a amava, mas, acima de tudo, ela se amou. [...].* Seu legado de justiça e generosidade encorajou o coração do Reino dos que Não Julgam. *Todas e todos merecem um final feliz e Transderella teve o seu. Todas e todos... Todxs e Todes.*  
(LINO, 2020, p. 101, grifos meus).

Como vimos, os contos de fadxs contemporâneos propõem narrativas que se apropriam de elementos dos roteiros dos contos tradicionais, em um processo de reescritura paródica

(HUTCHEON, 1989), formando um imaginário alternativo protagonizado por dissidências sexuais, nomeadas como (re)existências coloridas, formando uma (auto)representação de pessoas **lésbicas**, **gays**, **bissexuais**, **travestis**, **transexuais**, **transgêneros**, **queers**, **intersexuais** e **outras**.

Em “Era uma vez” (EL-JAICK, 2001b), temos um final de narrativa que problematiza os relacionamentos amorosos humanos, com a intrusão do sentimento de ciúme, tão comum entre casais. Embora tenham passado por essa situação, o ciúme não se constituiu em um impeditivo do seu “felizes para sempre”. No conto “Mais do que manteiga com mel” (LACOMBE, 2016), a madrasta heteronormativa foi superada pelo beijo explícito e sem precedentes entre Catarina e Helena. O momento do beijo também permitiu uma reflexão da protagonista quanto aos motivos que levavam a madrasta a agir daquela forma: o medo que sentia de que a filha fosse diferente das expectativas sociais que ela reproduzia em seu lar por meio dos limites de gêneros. Em *Transderella* (LINO, 2019, 2020), o cotidiano de vivências transfóbicas da comunidade de pessoas **transexuais** nos foi descortinado. O final proposto pela obra é uma bandeira de afirmação do desejo por igualdade, de reconhecimento de direitos básicos existentes, desde sempre, para pessoas cis-heterossexuais, como o direito ao amor e a ser feliz.

Por fim, gostaria de salientar que a produção de contos de fadxs **LGBTQIAP+**, como os presentes nesse *corpus* de pesquisa, composto por obras dissidentes brasileiras e contemporâneas, constituem representações alternativas aos textos heteronormativos e compulsoriamente cis-heterossexuais, que participam evidentemente do imaginário dessa sociedade monocromática. Assim, esses textos são (re)existências coloridas à repetição normalizadora, por exemplo, do casamento cis-heterossexual e sem desenvolvimentos como ascensão à felicidade final, de modo que resultam na formação de um imaginário da diferença, protagonizado por dissidências sexuais e de gênero que são marginalizadas pela sociedade, ou seja, que são diferentes dos comportamentos mimetizados pela heteronorma.

## REFERÊNCIAS

- BEAUMONT, Jeanne-Marie Leprince De. A Bela e a Fera. *In*: TATAR, Maria (org.). **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 63–83.
- BEAUMONT, Jeanne-Marie Leprince De. A Bela e a Fera. *In*: **Contos de fadas**: de Perrault, Grimm, Andersen e outros. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 97–118.
- BEAUVOIR, Simone De. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução: Sérgio Milliet. 3. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016 a. v. 1
- BEAUVOIR, Simone De. **O segundo sexo**: a experiência vivida. Tradução: Sérgio Milliet. 3. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016 b. v. 2
- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BRESSANIM, Eduardo; SANTINI, Maicon; FOX, Lorelay; LACOMBE, Milly; PLOTTEGHER JUNIOR, Renato. **Over the rainbow**: um livro de contos de fadas. São Paulo: Planeta, 2016.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução: Tomaz Tadeu Da Silva. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 151–172.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. 15. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: ArtMed, 2006.
- CURIEL, Ochy. **La nación heterosexual**: análisis del discurso jurídico y el régimen heterosexual desde la antropología de la dominación. Bogotá: Brecha Lésbica, 2013.
- EL-JAICK, Márcio. **Era uma vez... contos gays da carochinha**. São Paulo: Summus, 2001 a.
- EL-JAICK, Márcio. Era uma vez. *In*: **Era uma vez... contos gays de carochinha**. São Paulo: Summus, 2001 b. p. 13–21.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. Branca de Neve. *In*: TATAR, Maria (org.). **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004 a. p. 84–99.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. João e Maria. *In*: TATAR, Maria (org.). **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004 b. p. 50–62.

- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. Rapunzel. *In*: TATAR, Maria (org.). **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004 c. p. 109–117.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. Branca de Neve. *In*: **Contos de fadas**: de Perrault, Grimm, Andersen e outros. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010 a. p. 129–144.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. João e Maria. *In*: **Contos de fadas**: de Perrault, Grimm, Andersen e outros. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010 b. p. 161–175.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. Rapunzel. *In*: **Contos de fadas**: de Perrault, Grimm, Andersen e outros. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010 c. p. 153–160.
- GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. **Contos de fadas dos Irmãos Grimm**. Tradução: Thalita Uba. Jandira, SP: Principis, 2019.
- HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**: ensinamentos das formas de arte do século XX. Tradução: Teresa Louro Pérez. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1989.
- JACOBS, Joseph. A história dos três porquinhos. *In*: TATAR, Maria (org.). **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 207–212.
- LACOMBE, Milly. Mais do que manteiga com mel (Cinderela). *In*: BRESSANIM, Eduardo; FOX, Lorelay; LACOMBE, Milly; PLOTTEGHER JUNIOR, Renato; SANTINI, Maicon (org.). **Over the rainbow**: um livro de contos de fadxs. São Paulo: Planeta, 2016. p. 5–48.
- LINO. **Transderella [e-book]**. Rio de Janeiro; Brasília: Se liga editorial; Rico Produções Artísticas, 2019.
- LINO. **Transderella**. 2. ed., Rio de Janeiro: Se liga editorial, 2020.
- MARCHIA, Joseph; SOMMER, Jamie M. (Re)defining heteronormativity. **Sexualities**, [S. l.], v. 22, n. 3, 2019. ISSN: 14617382. DOI: 10.1177/1363460717741801.
- PERRAULT, Charles. Cinderela ou O sapatinho de vidro. *In*: TATAR, Maria (org.). **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p. 37–49.
- PERRAULT, Charles. Cinderela ou O sapatinho de vidro. *In*: **Contos de fadas**: de Perrault, Grimm, Andersen e outros. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. p. 19–31.
- PERUZZO, Renato Gonçalves. **Sociedade monocromática, (re)existências coloridas**: alteridades LGBTQI+ em contos de fadxs contemporâneos. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras: Linguagens e Representações) - Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA, 2019. Disponível em: <http://www.biblioteca.uesc.br/biblioteca/bdtd/201810107D.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.

RICH, Adrienne. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. **Signs - Journal of Women in Culture and Society**, [S. l.], v. 5, n. 4, p. 631–660, 1980. Disponível em:

[http://links.jstor.org/sici?sici=0097-](http://links.jstor.org/sici?sici=0097-9740%28198022%295%3A4%3C631%3ACHALE%3E2.0.CO%3B2-2)

[9740%28198022%295%3A4%3C631%3ACHALE%3E2.0.CO%3B2-2](http://links.jstor.org/sici?sici=0097-9740%28198022%295%3A4%3C631%3ACHALE%3E2.0.CO%3B2-2). Acesso em: 20 jun. 2019.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas - estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 4, n. 5, p. 17–44, 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309/1742>. Acesso em: 9 jun. 2019.

WARNER, Michael. Introduction: fear of a queer planet. **Social Text**, [S. l.], n. 29, p. 3–17, 1991.

Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/466295?origin=JSTOR-pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

- 
- <sup>1</sup> Esta comunicação é produto da pesquisa de Doutorado intitulada “Sociedade monocromática, (re)existências coloridas”, com orientação do Prof. Dr. Isaias Francisco de Carvalho, em andamento no Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC, Ilhéus – BA). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Este texto, bem como outras informações sobre a pesquisa que desenvolvo, também pode ser encontrado no site <https://sociedademonocromatica.com/>.
  - <sup>2</sup> Como se trata de livro adquirido como *e-book*, para o design do leitor digital Kindle, da Amazon, que possui especificidades quanto ao ordenamento das páginas, aqui consideradas como posições digitais, optei pela utilização da letra *k* como indicador da posição digital do texto do *e-book* em contraponto ao *p* de página para textos tradicionais, físicos.